

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AMANDA RODRIGUES FERREIRA.

JOICY DE OLIVEIRA BERNARDO.

LETICIA SILVA LINS DE LIMA.

**OS TABUS ACERCA DA SEXUALIDADE DA  
BRASILEIRA NA TERCEIRA IDADE**

RECIFE/2021

AMANDA RODRIGUES FERREIRA.

JOICY DE OLIVEIRA BERNARDO.

LETICIA SILVA LINS DE LIMA.

## **OS TABUS ACERCA DA SEXUALIDADE DA BRASILEIRA NA TERCEIRA IDADE**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em psicologia.

Professora Orientadora: Carla Lopes

RECIFE/2021

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

F383t Ferreira, Amanda Rodrigues  
Os tabus acerca da sexualidade da brasileira na terceira idade /  
Amanda Rodrigues Ferreira, Joicy de Oliveira Bernardo, Leticia Silva Lins  
de Lima. Recife: O Autor, 2021.  
32 p.  
  
Orientador(a): Esp. Carla Lopes.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2021.  
  
Inclui Referências.  
  
1. Envelhecimento feminino. 2. sexualidade da mulher idosa. 3.  
tabus da sexualidade na terceira idade. I. Bernardo, Joicy de Oliveira. II.  
Lima, Leticia Silva Lins de. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA.  
IV. Título.

CDU: 159.9

*“Aqui no entanto nós não olhamos para trás por muito tempo, Nós continuamos seguindo em frente, abrindo novas portas e fazendo coisas novas, Porque somos curiosos...e a curiosidade continua nos conduzindo por novos caminhos. Siga em frente.”*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	08
2.1 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL.....	08
2.2 SEXUALIDADE E TERCEIRA IDADE.....	10
2.3 MITOS E REALIDADES ASSOCIADOS A TERCEIRA IDADE.....	12
2.4 PSICOLOGIA E ENVELHECIMENTO.....	14
<b>3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	14
<b>4. RESULTADOS</b> .....	15
<b>5. DISCUSSÕES</b> .....	19
5.1 COMO NASCEU A SEXUALIDADE DA BRASILEIRA.....	19
5.2 CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS SOCIAIS NA SEXUALIDADE DAS IDOSAS ACOMETIDOS PELOS TABUS.....	22
5.3 O PSICÓLOGO ATUANDO NA DESMITIFICAÇÃO DOS TABUS.....	24
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	28

## OS TABUS ACERCA DA SEXUALIDADE DA BRASILEIRA NA TERCEIRA IDADE

Amanda Rodrigues Ferreira;

Joicy de Oliveira Bernardo;

Leticia Silva Lins de Lima.

Professor(a) orientador(a)<sup>1</sup> Carla Lopes

### RESUMO

Historicamente, a mulher foi limitada aos afazeres domésticos e a criação de filhos, além de pressionada a reprimir seus desejos sexuais, restringindo sua sexualidade à procriação e assim, transformando a mulher que chega a terceira idade em um ser assexuado. Este trabalho teve o objetivo de abordar como os mitos e tabus interferem na vivência da mulher brasileira na terceira idade. Por tanto, fez-se necessário discutir sobre envelhecimento populacional, identificar os fatores que influenciam na construção da identidade da sexualidade da mulher brasileira na terceira idade e analisar como a psicologia pode atuar nesta reconstrução de vida sexual, feminilidade e auto estima apagados por crenças populacionais enraizadas. Trata-se, então, de uma pesquisa de revisão integrativa de literatura, utilizando-se das bases de dados Google acadêmico, SciELO Brasil e LILACS. Diante dos artigos selecionados, verifica-se que há uma escassez de artigos voltados para os aspectos psicológicos da fase idosa, reforçando o controle dos corpos femininos, afetando na qualidade de vida da mulher na terceira idade e conseqüentemente, em sua autoestima, constatando que é preciso uma posição de enfrentamento diante dos ensinamentos da sociedade que reprimem qualquer comportamento relacionado a sexualidade dos idosos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento Feminino. Sexualidade da Mulher Idosa. Tabus da Sexualidade na Terceira Idade.

---

<sup>1</sup> Professor(a) da UNIBRA. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental e Psicologia do Esporte, Doutoranda em Psicologia pela USAL Buenos Aires. e-mail: tccunibra2020.2@gmail.com.

## ABSTRACT

Historically, the women were limited to housework and raising children, besides of repressing their sexual desires, restricting their sexuality to procreate and then, changing the woman that reaches the third age into an asexual being. This work has the objective to approach how myths and taboos interfere in the life of Brazilian women in third age. However, it made it necessary to discuss about populational aging, show the factors that induce the construction of elder Brazilian women sexual identity and analyze how psychology can act on the reconstruction of that sex life, femininity and self-esteem erased by populational rooted beliefs. It is, then, about the integrative literature review research, using Google Scholar, SciELO Brazil and LILACS database. Before the chosen articles, it turns out that there is a lack of articles about the older women psychological aspects, reinforcing the domination of the women body, the self-esteem, understanding that it is necessary a confrontational position before the society teachings that repress any behavior from elder people about sexuality.

**Keywords:** Feminine aging, sexuality of the elder women, Taboos of the sexuality on the third age.

## 1 INTRODUÇÃO

No século XXI o desenvolvimento tecnológico, científico, as melhorias nas condições de vida, dentre outros, resultaram no aumento crescente da população idosa em todos os países, incluindo no Brasil. Ainda que longe do ideal, podemos observar uma melhora significativa nas condições de saúde dessa população, tornando essa uma grande conquista da humanidade nesse século, porém, não podemos negar os novos desafios que chegam de mãos dadas a essa conquista (DARDENGO; MAFRA, 2018).

Dentre esses desafios, podemos destacar a dimensão da mulher brasileira que está adentrando a terceira idade e a vivência de sua sexualidade. Sendo mais que a prática do sexo com fins de procriação, são vários os fatores que modelam as experiências da vivência dessa faceta humana tais como: a influência de gênero, história pessoal, contexto cultural, social, político e econômico, dentre tantos outros recortes. Tradicionalmente restritas pelo modelo patriarcal, as mulheres são amplamente ensinadas sobre os desdobramentos do amor materno e o quanto ele deve ser valorizado, enquanto o amor erótico e a sexualidade vão sendo socialmente distorcidos e deixados em segundo plano (FERNANDES, 2009).

A importância deste tema se encontra no discutir a crença perpetuada por gerações: que a sensualidade, feminilidade e as expressões corporais são inconvenientes e incompatíveis com a velhice. Essa crença vem prejudicando a qualidade de vida e a livre expressão do ser dessa parcela significativa da população (FERNANDES, 2009). A mesma também traz questões atuais sobre o envelhecimento populacional e nos provoca a pensar sobre o que podemos fazer, como profissionais de psicologia, para fornecer mais qualidade de vida a esta população crescente.

Considerando a importância da análise dessa questão, este artigo tem como objetivo discutir, como mitos e tabus interferem na vivência da sexualidade da mulher na terceira idade. Através das discussões sobre envelhecimento populacional, conhecendo alguns dos mitos e realidades da mulher idosa e identificando os fatores que influenciam a construção da identidade da sexualidade da mulher brasileira na terceira idade, analisaremos como a psicologia pode atuar nesta reconstrução de vida sexual, feminilidade e auto estima que foram apagados por crenças populacionais enraizadas.

Nos capítulos teóricos deste artigo foram discutidos sobre terceira idade, crescimento populacional e a importância da psicologia neste meio. Além disso, também foi abordado sobre a sexualidade da idosa, crenças e tabus gerados ao longo dos anos sobre a vida sexual na terceira idade e os impactos gerados na

sexualidade das brasileiras. O delineamento metodológico utilizado foi revisão de literatura.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL**

No dicionário a palavra terceira idade é a designação atribuída a uma pessoa idosa. Aqui no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico (IBGE), é considerado idoso e participante da terceira idade pessoas acima de 60 anos.

De acordo com Dardengo e Mafrá (2018) o envelhecimento teve vários olhares e conceitos diferentes, que variavam de acordo com cultura, tempo e lugar. A velhice já foi vista com bons olhos e também menosprezada e ignorada. Já foi associada a conquistas, sabedoria e honra como também ao desprezo e a doença. Com isso, a palavra velhice vem carregada de significados, mitos e concepções falsas de forma que no contexto histórico não existe uma ideia definitiva.

A taxa de crescimento mundial da população idosa é de aproximadamente 3% ao ano, e espera-se que, em 2050, essa população seja formada por 2,1 bilhões de idosos. Atualmente, existem em média 962 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no mundo, o que equivale a 13% da população total. Até 2050, todas as regiões do mundo, menos a África, terão quase um quarto de suas populações composta por essa faixa etária. Igualmente no Brasil, 13% de sua população tem idade maior ou igual a 60 anos e esse índice chegará a 29,3% em 2050 (SOUSA, 2019).

O aumento da população idosa vem nos trazer a consciência que esta é uma população crescente e que precisamos falar sobre o envelhecimento, que é um processo natural que vem acompanhado de modificações físicas, biológicas e sociais, e que também inclui vários tabus e preconceitos que foram rotulados e

naturalizados pela sociedade, sobretudo, para com a mulher, que além de ser a maior porcentagem na população idosa também é a mais atingida pela prática do preconceito, levando a crença da “perda” da feminilidade, sensualidade e beleza (FERNANDES, 2009).

Segundo Fernandes (2009), o envelhecer feminino para a nossa cultura, tem início com o fim do ciclo reprodutivo, no corpo ele imprime a imagem da passagem do tempo, apresentando-se por meio das rugas, cabelos grisalhos, ganho de peso, encolhimento, e outras mudanças corporais, que tendem a serem vistas com um certo ar de depreciação, pois, trazem a temida condição de mulher velha, o que colabora para que os estereótipos negativos associados ao envelhecimento, tenham um maior impacto sobre a mulher, as levando a disfarçar ao máximo os sinais de envelhecimento do seu corpo e a acreditarem que, com o fim da juventude, sua sexualidade também chegará ao fim. Isto tudo move as mulheres, principalmente as que possuem um maior valor aquisitivo, a recorrerem aos mais diversos tipos de procedimentos como cirurgias, reposições hormonais, remédios e outros (FERNANDES; GARCIA, 2010).

Mesmo diante dessa tentativa de negar a velhice, através da aparência ela transborda, e o espelho que foi por tantos anos instrumento a confirmar a autoestima e garantir os ajustes para uma boa aparência, agora não traz a certeza da beleza, denunciando a lenta metamorfose vivida com o passar dos anos. Acentuando o peso da identidade pessoal associada à imagem corporal, também estão as mudanças biológicas. O corpo começa a apresentar uma maior necessidade de manutenção, pois sem os devidos cuidados ele tende a apresentar com maior frequência falhas nos órgãos, membros desobedientes, uma menor flexibilidade, e agilidade, acompanhando o surgimento de variadas dores físicas e sintomas que também podem ser provocados pelas mais diversas conformidades. As barreiras físicas somadas as sociais, vão dificultando a vivência plena da sexualidade para as mulheres que estão adentrando a terceira idade.

## **2.2. SEXUALIDADE E TERCEIRA IDADE**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2006), a sexualidade é algo que nos motiva a buscar por amor, intimidade e contato, indo muito além da possibilidade de procriar. A sexualidade pode ser definida como um conjunto de comportamentos e expressões que compõem a personalidade do ser humano, isto significa que ela está presente em nossas ações, pensamentos e sentimentos.

A ideia de paixão, amor e sexualidade envolvendo processos fisiológicos vem desde os tempos antigos, e as sensações e sentimentos físicos descritos por filósofos, poetas e músicos não são apenas invenções, sabemos hoje que existem processos a níveis biológicos ligados ao funcionamento do cérebro e sistema nervoso que influenciam nesse sentir (BORGES, 2015).

As sinapses são pontos de junção dos neurônios com outras células, os impulsos nervosos devem passar de uma célula à outra, para que ocorra no corpo a resposta a um determinado sinal, através delas agem os neurotransmissores que são as substâncias químicas produzidas pelos neurônios. A dopamina é um dos principais neurotransmissores relacionados a paixão amorosa, diante de um aumento da produção da mesma, aumentam também os níveis de produção de testosterona, que dentre outras coisas, é o principal hormônio na produção do desejo sexual em homens e mulheres. Porém, vale ressaltar, se apenas a testosterona estiver em níveis elevados não teremos a produção de dopamina, por isso podemos ter desejo sexual sem paixão, mas dificilmente teremos paixão amorosa sem desejo (BORGES, 2015).

Segundo Oliveira (2020) em meados do século XVII, a sexualidade era vivida de maneira livre, porém, com a influência da igreja na sociedade, surgiram algumas regras visando estabelecer o controle sobre as pessoas, seus corpos, e a natalidade. Junto a isso, veio a necessidade de padronizar as vivências dos sujeitos e também os discursos de condenação para aqueles que se desviavam dessas regras.

Para Borges et al (2013) além desse cunho histórico social, a sexualidade também é construída pelo contexto histórico pessoal do indivíduo, em outras palavras, ela depende das relações que o mesmo adquire ao longo de sua existência. Estas inúmeras possibilidades proporcionam formas distintas de construções de estilos de vida, identidades de gênero e sexuais dos sujeitos.

As interações do indivíduo e da estrutura sociocultural na qual ele está inserido, são parte essenciais no processo de construção da sexualidade. Em relação a esses fatores, Louro (2008) declara que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. (LOURO, 2008, p. 2)

A partir da fala de Louro (2008), podemos compreender que a sociedade possui um papel de grande influência na formação de padrões comportamentais, sexuais e sociais, padrões que podem diferir de uma cultura para a outra e de maneira minuciosa e sutil, interferem no desenvolvimento da sexualidade dos indivíduos que estão inseridos nessa cultura.

### **2.3 MITOS E REALIDADES ASSOCIADOS A SEXUALIDADE**

Por diversas vezes ouvimos discursos de fragilidades, desgastes e impotência que assolaram as mulheres com o advento da velhice. Dando corpo a estereótipos e preconceitos geracionais, esses conhecimentos são divulgados e reforçados, e passam a servir de base para a construção de discursos com efeito de verdade absoluta, afetando a qualidade de vida dessa parcela da população (LEITE, 2013).

Para a Organização Mundial da Saúde (2013), qualidade de vida é como o indivíduo percebe sua inserção nos sistemas de valores, cultura, e a relação disso com seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Assim, podemos

entender quão negativos são os impactos do preconceito com a dimensão que envolve a sexualidade e envelhecimento feminino, pois o mesmo vem por gerações, travando a mente e a vivência da sexualidade em falsas ideologias, prejudicando a qualidade de vida de mulheres brasileiras de diferentes cores, classes e idades (FERNANDES, 2009).

A noção de sexualidade restrita à genitalidade e procriação é um dos principais fatores de promoção de preconceitos, porém a dificuldade de aceitação da sexualidade na terceira idade é multifatorial e tem como principal aliada, a falta de informação advinda da educação repressora resultante do patriarcado. Com o público idoso, muitas vezes, até profissionais de saúde tendem a não mostrar interesse no assunto, passando aos mesmos a sensação de que a sexualidade não faz parte da saúde. Muitas vezes restritas apenas ao papel de mãe e avó, as mulheres são educadas sobre o ser filha, e o ser mãe, sem serem devidamente instruídas sobre, o ser mulher e suas potencialidades. Com o fim do ciclo maternal, a ideia da mulher como incapaz de vivenciar plenamente os estímulos sexuais, se impregna no imaginário social, levando as idosas a uma postura pessimista em relação a vivenciar a sexualidade (GOZZO, 2000).

Para Leite (2013) se vários são os aspectos da vida que são modificados com o envelhecimento, não seria diferente com a sexualidade. Mas é importante lembrar que envelhecer não precisa comprometer ou eliminar a manifestação da sexualidade do sujeito. A vivência da mesma na velhice pode ser prazerosa e cheia de descobertas do que vai ou não proporcionar prazer, favorecendo a qualidade de vida do sujeito, porém, isso vai estar diretamente ligado à forma como a velhice e todas as modificações que ela traz, vão ser entendidas e vivenciadas.

A maturidade, o acesso, a informação e o entendimento sobre o que é sexualidade, e como se dá o seu desenvolvimento na vida cotidiana, pode levar a mulher a perceber que as performances sexuais podem ser transformadas, desaguando na busca e vivência de diversos momentos e formas de prazer, e que esses momentos vão além das mudanças que ocorreram em seu corpo com a

passagem do tempo, afinal existindo vida, o desejo pode ser descoberto, redescoberto e vivenciado de forma independente da idade (ROZENDO, 2015).

O grande desafio seria então reeducar a sociedade para o envelhecer, modificando o olhar atual que valoriza a juventude, como se apenas ela tivesse benefícios e fosse eterna. Os grandes reforçadores desse pensamento são os diversos avanços da ciência e da tecnologia da indústria da beleza, que com seus tratamentos e produtos, buscam disfarçar as intempéries do tempo sobre o corpo, prolongando a juventude, promovendo o ideal de apenas um tipo de beleza para a mulher na terceira idade, a que vai eliminando as marcas do tempo da pele e dos corpos amadurecidos. Isso tudo reforça a aceitação dos padrões estéticos de juventude impostos pela sociedade. Tais pensamentos fazem com que a mulher envelhecida que encontra incapaz de atender sempre estes padrões, seja sutilmente excluída, reforçando assim, o olhar negativo sobre o envelhecer. (VASCONCELOS; JAGER, 2016).

## **2.4 PSICOLOGIA E ENVELHECIMENTO**

Ribeiro (2015) afirma que se pode ter uma velhice saudável, e a Psicologia pode oferecer significativo apoio para o alcance deste ideal. Porém Paula, Porto e Carvalho (2020), em sua pesquisa, concluíram que a psicologia fica em 6º lugar de dez posições na categoria de áreas que produzem trabalhos científicos relacionados ao tema, mostrando que não é uma temática tão aprofundada nessa área, ou seja, ainda existe um longo caminho a ser trilhado, entre os estudos, a propagação de conhecimento e as ações práticas.

Por hora, como afirma Ribeiro (2015) a atuação da psicologia voltada ao público idoso vai trabalhando com estratégias preventivas ou de reabilitação, focando na manutenção da autonomia e na funcionalidade cognitiva, fortalecendo as mesmas e ajudando as idosas a desenvolver sua participação ativa no meio social, fortalecendo sua autoestima e favorecendo o vivenciar de sua sexualidade mesmo diante das mudanças provocadas pelo envelhecimento.

Sobretudo é preciso respeitar a subjetividade de cada sujeito frente ao envelhecimento, levando em conta que cada um irá vivenciar essas modificações de acordo com suas experiências dentro de seus contextos. Viver sobre padrões e estigmas sociais que desejam ter um idoso ativo, independente e saudável sem respeitar a subjetividade de cada indivíduo, fará com que essas idosas não se encontrem mais nesta sociedade, rejeitem seus corpos, suas histórias e as marcas vivenciadas por toda uma vida (VASCONCELOS; JAGER, 2016).

### **3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

A revisão integrativa de literatura realizada neste estudo utilizou as seguintes bases de dados: SciELO Brasil, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Google acadêmico. Para a realização das pesquisas nas plataformas usamos como filtros os termos “envelhecimento feminino”, “tabus da sexualidade na terceira idade” e “sexualidade da mulher idosa”. Selecionando artigos do idioma português dos anos de 2016 até 2021. Com exceções dos artigos dos anos 2000, e 2009 e um livro de 2017 que foram considerados por sua relevância para construção histórica do trabalho.

Foram encontrados 529 artigos (Google acadêmico: 524, LILACS: 4, SciELO: 1), sendo incluídos 40. Os critérios definidos para a exclusão dos artigos foram: artigos duplicados (15), que não tinha relação com o tema escolhido (466), de acesso não liberado (4) e artigos incompletos (4), totalizando a exclusão de 489.

### **4 RESULTADOS**

Os artigos selecionados buscam discutir sobre as repercussões que envolvem a vivência da sexualidade das mulheres brasileiras diante do envelhecer e como a psicologia enquanto ciência e profissão pode colaborar para desmistificar os interditos advindos dessas vivências. Segue a baixo a tabela com esses artigos:

Autor/Ano	Titulo	Objetivos	Resultados
BARRETO, Madson Alan Maximiano et al. (2019)	A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial Do fenômeno.	Promoveu o enredo da feminização da velhice.	Constatou-se que o gênero se apresenta como fator determinante, tornando essenciais os estudos voltados para a temática, possibilitando maneiras para solucionar consequências negativas enfrentados pelas mulheres idosas.
CAMPOS, Elisiana. (2016)	Problematizando a sexualidade na terceira idade.	Ressaltou-se a importância da desconstrução dos problemas enfrentados pelos idosos dentro da sociedade acerca da sexualidade na terceira idade.	Conscientizou-se de que as famílias e sociedade devem criar meios para que os idosos vivam de forma saudável sua vida sexual.
CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. (2016)	Corpo e sexualidade da mulher brasileira	Através de um recorte sócio histórico, analisou-se a visão de corpo e sexualidade da mulher brasileira.	Verificou-se a expectativa social e como a população feminina no Brasil vivencia a sua sexualidade, bem como os desdobramentos diante das diferenças sociais econômicas e étnicas.
EROS, De Souza; ROSA, Francisco Heitor Da; BALDWIN, John R. (2000)	A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos	Analisou-se o início e desenvolvimento do papel histórico-político das brasileiras.	Buscou-se examinar e apontar de forma aproximada os papéis que eram vinculados ao sexo feminino no Brasil,

			e os impactos das normas culturais, desde as mulheres do Brasil colonial até o movimento feminista, bem como os avanços conquistados pelo público feminino desde então.
FARIAS, Aponira Maria; SILVA, Josevânia. (2016)	O mito velhice assexuada, individual e biológica: envelhecimento e sexualidade da mulher idosa.	Investigou artigos publicados sobre a sexualidade da mulher idosa e os tabus a ela relacionados, mais especificamente a repressão sofrida que a estabelece como um ser assexuado.	Observou-se nas pesquisas que apesar de haver um crescimento significativo em artigos publicados na última década sobre o tema, foram encontrados poucos artigos na área de psicologia.
LOURO, Guacira Lopes et al. (2007)	O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.	Analisar contextos que influenciaram a produção histórica sobre o entendimento do que é sexualidade.	Abordou as vertentes sociais que interferem na formação sexual do sujeito repensando qual o papel do mesmo diante da resistência heteronormativa. Retratando assim as construções histórico normativas nas quais vem sendo, pautada, exercida e regulada a sexualidade humana.
MONTEIRO, Yohana. (2020)	Sexualidade das mulheres em envelhecimento: um tabu?	Discutiu-se sobre as concepções de sexualidade e gênero na contemporaneidade com um foco nas	Foi discutido acerca da vivência da sexualidade de mulheres em processo de envelhecimento e

		mulheres em envelhecendo.	a desconstrução dos mitos que rodeia a sexualidade das mulheres desde seu nascimento até nessa fase da vida idosa desde séculos passados.
MOURA, Mariene; SILVA, Claudia; SANTOS, Flavia. (2019)	A sexualidade na terceira idade: o tabu que envolve os idosos.	Identificou-se os conflitos e tabus que permeiam a sexualidade do idoso.	Avaliou-se a visão do idoso acerca da sexualidade a respeito de carinho amor afeto e a preservação de seus desejos sexuais, devido a repreensão causada pela cultura e sociedade.
NASCIMENTO, Mariana Almendra Cavalcante et al. (2020)	Eu falo, tu falas e ninguém ouve: conversas sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens no espaço escolar.	Desenvolveu-se análise sobre sexo e sexualidade pelo discurso entre adolescentes e jovens.	Indicou-se dúvidas, constrangimentos e medos, que perpassam entre adolescentes e jovens na iniciação da vida sexual.
Nogueira Renato. (2017)	Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual.	Explorar como algumas narrativas influenciam até os dias de hoje a construção do ser mulher na nossa sociedade.	Buscou-se refletir sobre como os mitos femininos perpassados por tantas gerações, acabaram por se tornar arquétipos que ajudaram a atribuir e definir o que conhecemos atualmente como o papel do gênero feminino em nossa sociedade.

OLIVEIRA, Estephania De Lima; NEVES, André Luiz Machado; SILVA, Iolete Ribeiro (2018).	Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão.	Compreendeu-se os significados da sexualidade atribuídos por mulheres idosas.	Constatou-se que os significados de sexualidade construídos pelas idosas participantes, levam-nas a um direcionamento que as dividem em dois grupos: as mulheres que não sentem mais vontade de praticar sexo e as que ainda o fazem.
PEREIRA, Belinda Silva; JAEGER, Angelita Alice. (2018)	Mulheres que desafiam o envelhecimento e o questionamento dos estereótipos de gênero.	Evidenciou-se o modelo padrão de envelhecimento feminino, e uma possibilidade de rompimento desse estereótipo.	Discutiu-se acerca do atual e enraizado padrão de percepção social sobre o envelhecer feminino, e de como o mesmo vem perdendo sua influência. Visando junto ao conceito de Ageless romper com estereótipos que rotulam e cercam essa fase da vida.
RODRIGUES, Gabrielle <i>et al.</i> (2009)	O mito da velhice assexuada: A libido na mulher idosa	Analisar os fatores fisiológicos, psicológicos e sociais que interferem na libido da mulher idosa, abordando os períodos que variam desde o climatério até a senilidade	Demonstrar que a redução da libido é em decorrência de fatores externos e não pelo mito da velhice assexuada. Além de proporcionar a reflexão a respeito da sexualidade na terceira idade, que por muitos é considerada inexistente

			sobretudo nas mulheres.
--	--	--	-------------------------

## 5 DISCUSSÕES

### 5.1 O NASCIMENTO DA SEXUALIDADE DA BRASILEIRA

Sutilmente entranhado em nossa cultura e organização social desde a época da Antiga Grécia está o poder patriarcal. O mesmo encontrou através da tradição de contar as aventuras de deusas e deuses, uma forma de fortalecer-se e perpetuar-se, sendo por diversas vezes retratado, repassado, naturalizado, popularizado e atualizado em diversas outras vertentes e narrativas. Essa estrutura social tem como base o pressuposto da superioridade masculina e a tendência de enaltecê-la ao mesmo tempo, que subestima e coloca a mulher em uma posição de inferioridade. Em seu formato atual, por vezes a presença do patriarcado se encontra diluída em pequenas e sutis coisas presentes no dia a dia da população, como por exemplo nas expressões “chefe de família” e “dona de casa” que são resquícios do universo patriarcal que herdamos e ainda vivenciamos (NOGUERA, 2017).

Apontando o quanto a prática patriarcal está presente, atual e diluída em nossos cotidianos desde os fundamentos da hierarquia de gênero brasileira, podemos observar como a mesma se apresenta também através das palavras que usamos para definir o corpo feminino ou masculino. Sendo o primeiro apontado como apático, inocente, ou por vezes até danoso, como nos exemplos, racha, passarinha, buraco, gruta. E o segundo como objeto de braveza, intensidade ou até violação como pau, caralho, cacete, pica (CHACHAM; MAIA, 2016).

Podemos observar esse fenômeno através do como costuma ser retratado o feminino em grande parte dessas histórias, enquanto o papel masculino é acentuado como o grande agente das mudanças, as mulheres são destacadas como figuras doces, românticas e as que se diferenciam um pouco desse padrão são retratadas como excêntricas, e de uma forma ou de outra acabam sempre orbitando como

sombras ao redor da figura masculina. Quando tomamos tempo para refletir sobre a forma com que essas influências tão antigas e recorrentemente usadas em nossas vivências mais comuns, corroboram para nossa forma de construir e compreender o mundo, notamos o quanto elas foram fundamentais para a construção do que é ser mulher e como ela pode ou não viver sua sexualidade dentro da sociedade atualmente.

Quando desaguaram nas terras brasileiras os navios portugueses estavam abarrotados de homens, distantes de sua terra natal, sem o fervor religioso, e até então afastados das mulheres portuguesas, que eram o modelo de mulher para casar. Por meio da força eles, tomaram não só as terras, mas também as índias e escravas negras, iniciando a vasta miscigenação da população brasileira. Diante da chegada das portuguesas, durante a era Colonial, a figura da mulher era vista através de duas representações principais, a negra que passou a ser reduzida como escrava sexual e força de trabalho braçal, e as mulheres brancas limitadas ao arquétipo de Maria, vistas como puras e castas, limitadas apenas aos cuidados com a casa, casamento e criação dos filhos, ambas sem educação formal e ensinadas a conviver com as relações extraconjugais dos homens com as escravas (SOUZA; ROSA; BALDWIN, 2000).

No modelo patriarcal de família temos no cerne, o patriarca na figura do marido, esposa, filhos legítimos, e orbitando em seu contorno as escravas, que serviam como concubinas e por vezes davam à luz a filhos e filhas ilegítimos, criando assim o modelo dubio de moralidade, onde o homem é livre para vivenciar sua sexualidade e a mulher restrita aos desejos de seu patriarca (CHACHAM; MAIA, 2016).

Esse ponto de partida brutal da história feminina no Brasil, reverberou com graves consequências na criação da identidade da sexualidade da brasileira até os dias de hoje. Sem acesso à educação que não fosse voltada ao lar, ou espaço de fala e poder na sociedade as mulheres foram estereotipadas e moldadas a serem passivas, e submissas, esse cenário acabou forjando para a brasileira o

entendimento que a sexualidade feminina é restrita, ligada ao ato da procriação, e principalmente, consiste em ser subordinada às necessidades da figura masculina, que era vista como, forte pois era a detentora de poder, financeiro, e representante social da família.

É comum o entendimento da sexualidade como algo inato, porém essa percepção acaba negando sua dimensão social, política e principalmente a sua natureza que há muito vem sendo construída. Identificar-se enquanto ser social, implica no sentimento de pertencimento a um grupo, por isso investimos e muito para enquadrar nossos corpos e formas de pensar as imposições socioculturais buscando sempre nos adequar aos critérios estéticos, e morais, dos grupos que pertencemos (LOURO, 2007).

Se tivermos em mente que dentro da história brasileira, o ideal feminino sofreu em sua fundamentação, uma diferenciação baseada em uma divergência étnico racial, onde para as mulheres brancas foi construído um modelo de sexualidade usando como base a mulher passiva, que se que se auto sacrifica, que é submissa aos homens, boa mãe e esposa. Enquanto as mulheres negras foram criadas em um modelo de mulher mais sexualmente permissivas e menos dependentes dos homens para criar os filhos (SOUSA; ROSA; BALDWIN, 2000).

Entenderemos a necessidade de antes de se debruçar sobre o desenvolvimento da sexualidade da brasileira, somar essas influências de cor e status social em que nossa sociedade foi construída. Notamos então a importância de considerar a diversidade, tanto a que se expressa nos corpos em suas diferentes cores ou formas, quanto as contidas no jeito de pensar e se portar no que diz respeito à sexualidade, pois juntos o corpo e a forma como ele é utilizado vão compor uma linguagem, que expressará, o interno e a forma como ele correspondem às expectativas do externo.

Com o passar dos anos e o aumento e predominância do fenômeno da miscigenação, criou-se em contextos nacionais e internacionais a noção de uma

identidade feminina nacional jovem, bela e erotizada, onde o sexo e à sensualidade estão presentes no imaginário popular como uma representação da brasileira. Esse padrão de pensamento reforça a ideia de que quando o assunto é sexualidade, a cultura brasileira é muito aberta, e desinibida, porém, é fácil ainda encontrar os vestígios do modelo inaugural da sexualidade brasileira (CHACHAM; MAIA, 2016).

Se a mulher contemporânea jovem é mais livre para viver sua sexualidade, como eram as negras e escravas, deve-se ao fato do modelo de Maria, ser agora redirecionado ao fim do ciclo reprodutivo, ou seja, principalmente diante do envelhecimento encontramos um discurso dividido entre o modelo progressista que busca a liberdade dessas amarras sociais, e do tradicional, que vem derivado do controverso nascimento coletivo do modelo de sexualidade (CHACHAM; MAIA, 2016).

A emancipação feminina dessa figura fragilizada e sem voz depende, e muito da reapropriação e diferenciação do exercício da liberdade de ser mulher, e do questionamento, prático, das várias mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física. Trazendo à luz um universo próprio do feminino, diferente, porém não inferior, do mundo masculino e regido por outra lógica e racionalidade.

## **5.2 CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS SOCIAIS NA SEXUALIDADE DAS IDOSAS ACOMETIDOS PELOS TABUS**

A sexualidade está presente em todas as fases do desenvolvimento humano inclusive na velhice que é considerada a última fase do ciclo vital, a mesma é considerada uma das necessidades humanas básicas. O que muitos não sabem é que a sexualidade também pode ser expressada pelo desejo de contato, pela intimidade, pelas expressões emocionais, de amor e carinho e da criação de laços. Todas essas formas de expressão de sexualidade contribuem diretamente para a qualidade de vida do idoso. Sendo assim não existe razões fisiológicas que impeçam as pessoas na terceira idade de terem uma vida sexual ativa. Porém

existem padrões culturais e sociais que afastam estas pessoas desta visão, são crenças errôneas que o declínio da idade ou da beleza ou até mesmo da saúde geram o declínio dos desejos, do prazer e da sexualidade. Essas crenças errôneas são fortalecidas pelas alterações fisiológicas, opressões familiares e preceitos religiosos (MOURA; SILVA; SANTOS, 2019).

Na sociedade brasileira a palavra sexualidade feminina ainda é associada a procriação e maternidade. Isso faz com que idosas passem a se enxergarem assexuadas. Já que elas não podem mais procriar, o desejo sexual passa a ser visto como coisa de “mulher safada”. Essa visão é tida devido a educação que muitas tiveram, internalizando valores que as fazem enxergar a prática sexual como algo mau, obscuro, perigoso e pecaminoso. Essa visão de assexualidade também é imposta pela sociedade para idosas viúvas que diante o olhar social, devem manter seu estado civil sem substituir seu falecido marido. São esses e vários outros discursos sociais que fazem com que culturalmente idosas sejam consideradas assexuadas fazendo-as reprimir sua sexualidade que estará presente, sendo elas sexualmente ativas ou não. Esta sexualidade pode ser manifestada não apenas pela genitália, mas de diversas formas que ainda assim representará um tabu para elas devido a essa repressão (FARIAS; SILVA, 2016).

A vergonha é predominante quando o assunto é sexualidade. Os idosos evitam falar sobre o assunto pois de acordo com os tabus criados pela sociedade, é algo que é inapropriado para idade, sua prática é vista como algo vergonhoso ou até mesmo algo feio, é algo que é reservado para os jovens pois o posicionamento social é que a falta de dentição, a pele enrugada, os cabelos brancos não são atrativos para despertar desejos ou ter uma vida sexual ativa. São todos esses tabus que fazem com que as idosas sintam vergonha e sintam-se assexuadas (MOURA; SILVA; SANTOS, 2019).

Os autores acima mostram que o preconceito está impregnado culturalmente em nossa sociedade e que para ser uma idosa com sua sexualidade ativa é preciso passar por cima de muitos tabus, priorizando seus desejos suas vontades e seus

limites. Mas sabemos também que essas idosas viveram ou foram educadas em uma sociedade machista onde o patriarcado reinava e ditava as regras, são mulheres ensinadas a obedecer, obedecer a seu pai, seu marido e os padrões que lhes mantinham e mantém como uma mulher de valor perante a sociedade. Sendo assim quebrar esses padrões e priorizar-se não é tão fácil o mais fácil seria aceitar uma incapacidade imposta e uma assexualidade falsa.

Por mais que tudo isso pareça ser coisa do passado, vivenciamos esta construção de idosos assexuados em pleno século XXI a palavra sexualidade para os idosos vem carregada de vergonha, controles e proibições principalmente para as idosas que são orientadas desde sua infância a não usufruir da sexualidade com liberdade, são ensinadas a se resguardarem e são as culpadas por fazerem os homens caírem em tentação este pensamento tem origens desde que Eva fez Adão pecar e permeia até hoje quando ouvimos que uma mulher é culpada pelo seu assédio. Por tanto um dos tabus que a mulher idosa carrega é a culpa por ainda sentir desejos é a culpa por não mais se encaixar nos padrões de beleza para se enquadrar na sexualidade que a sociedade aceita (MONTEIRO, 2020).

Todos estes preconceitos, tabus e alterações corporais afetam a autoimagem feminina favorecendo uma menor autoestima e a perda pelos desejos sexuais pois a libido é influenciada por fatores orgânicos, sociais e também psicológicos. Sendo assim essa manipulação social pelo ato sexual da idosa ou pela sua sexualidade faz com que a mulher idosa continue se policiando se restringindo e entrando em um padrão que lhe causa baixa autoestima e diminuição de sua libido, tornando-se comum a prevalência de transtornos psicopatológicos em idosos como depressão e ansiedade (RODRIGUES et al., 2015).

Os autores nos mostram prejuízos diversos causados por preconceitos e tabus que fazem mulheres esconderem seus desejos por trás de seus cabelos brancos, tendo que aceitar as condições impostas por seus familiares e por olhares e opiniões socioculturais, trazendo-lhes sentimentos de vergonha, culpa e auto depreciação pelo simples motivo de sentirem algo que vai fazer parte de todas as

fazes do desenvolvimento humano, algo que é biológico e necessário para uma boa qualidade de vida que é a sexualidade.

### **5.3 O PSICÓLOGO ATUANDO NA DESMISTIFICAÇÃO DOS TABUS**

Farias e Silva (2016), constataram em suas pesquisas que os artigos relacionados a sexualidade da idosa, em sua grande maioria são da área de medicina e enfermagem, dando foco as dificuldades fisiológicas, negligenciando os aspectos psicológicos e sociais que estas mulheres enfrentam na velhice. Com isto, a atenção acaba ficando concentrada na suposição de uma disfunção sexual feminina, dando a entender uma necessidade de ajuste neurofisiológico.

Os trabalhos publicados acerca da sexualidade da mulher idosa, em sua pluralidade, estão relacionados a menopausa e ao climatério, associando a sexualidade a procriação, desconsiderando a possibilidade de os corpos envelhecidos serem desejantes e assim também, dificultando a promoção a reflexão sobre a beleza destes corpos. Simultaneamente, as mulheres idosas são cobradas a serem ativas, a cuidarem da casa e dos netos. As pesquisas indicaram que há um desequilíbrio gritante entre a vida sexual da mulher idosa e a atribuição dos cuidados aos filhos, netos e bisnetos (FARIAS; SILVA, 2016).

Com as informações acima pode-se compreender que há uma escassez de artigos e pesquisas voltados para as problemáticas sociais e psicológicas enfrentados pelos idosos, reforçando ainda mais os preconceitos e mitos acerca da sexualidade no envelhecimento. Entende-se também que o público mais afetado é o feminino, pelo papel que estas idosas ocupam na sociedade de seres que não possuem beleza e nem a liberdade de sua sexualidade, servindo apenas como cuidadoras do lar, dos filhos, netos e maridos.

Autores como Pereira e Jaeger (2018), alegam que a beleza na maturidade é o momento de auto aceitação e de se libertar das amarras e padrões sociais como

os ideais de beleza reproduzidos pela mídia. É tempo de enxergarmos a velhice com outros olhos, o que pode ser uma tarefa difícil.

Para que os idosos tenham uma vida sexual ativa, livre de preconceitos e um melhoramento da autoestima, é fundamental a propagação de informações relacionadas a sexualidade na terceira idade. Um meio para que a sociedade enxergue os idosos como seres livres para sentir e viver sua sexualidade independente de mitos e tabus, é a educação sexual, sendo necessário apresentar atividades que ponham em discussão a sexualidade em todas as fases e não incluindo apenas os idosos, mas todas as faixas etárias (BARRETO et al., 2019).

Essa propagação de informação se faz necessária desde a juventude pois é nesta fase em que se descobre a vida sexual, tornando-se indispensável a discussão, para acabar com qualquer dúvida e curiosidade desta fase. O indicado é que as escolas e a família, aliem-se em prol da temática para assim, promover o auto entendimento dos desejos, das inseguranças e da própria identidade sexual dos jovens e assim diminuir as inseguranças entre os adolescentes e os tabus adquiridos culturalmente (NASCIMENTO et al., 2020).

Se faz necessária a promoção de informações em ambiente sociais, escolares e de saúde acerca da sexualidade não só na terceira idade, mas também nas outras faixas etárias, pois a construção dos jovens de hoje representa a geração futura de idosos no amanhã. Esta ação fará com que cessem os mitos e preconceitos ligados a temática e conseqüentemente, futuramente proporcionar um melhoramento na autoestima e na vivência da sexualidade das idosas.

Também é importante que os veículos de comunicação midiáticos comecem a incluir mais a imagem de mulheres idosas como protagonistas, fortes, belas e figuras de referência, em novelas e programas de televisão por exemplo, gerando representatividade, identificação e até mesmo reflexão sobre a beleza dos corpos envelhecidos e o papel que as idosas podem ocupar nos espaços sociais.

Como sugerem Oliveira, Neves e Silva (2018), a psicologia precisa ter um olhar atento sobre a sexualidade dos idosos e uma escuta receptiva e sensível nas organizações que trabalham com idosos, visando sempre pôr em discussão pautas relacionadas a sexo, namoro e masturbação, especialmente com grupos de idosos que vivenciaram muitos quadros de repressão da sexualidade e silenciamento.

É crucial que os psicólogos e psicólogas que trabalhem com idosos, tragam debates relacionados a sexualidade como uma perspectiva crítica, indo além dos aspectos biológicos e do que é tratado nos manuais de psicologia do desenvolvimento humano. Estes momentos de rodas de conversas e debates com um profissional da psicologia, auxiliam na troca de vivências, perspectivas, anseios, curiosidades, dúvidas e angústias que envolvem a sexualidade na velhice (OLIVEIRA; NEVES; SILVA, 2018).

A fim de gerar reflexões referentes a temática, o profissional da psicologia pode trazer discussões sobre a sexualidade nas rodas de conversas entre idosos, incluindo também os profissionais da saúde, com isto, auxiliar na propagação de informação corretas relacionadas ao tema e quebrar qualquer tipo de constrangimento, tratando o assunto como natural, normalizado-o. É indispensável que os psicólogos e psicólogas deem continuidade as pesquisas relacionadas ao tema, focando nos aspectos psicológicos e sócias, para um melhor aprofundamento e propagação do conhecimento acerca das problemáticas relacionadas ao tema no Brasil, oferecendo uma escuta mais sensível e acolhedora tanto de psicólogos quanto dos profissionais da saúde para este público.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos estudos apresentadas, concluímos que a mulher na terceira idade precisa enfrentar muitos desafios, sendo talvez o maior, porém, menos discutido deles a apropriação da liberdade de sua sexualidade e para que isto aconteça, se faz necessário o enfrentamento de preconceitos e tabus de uma sociedade que vive como se o envelhecimento nunca fosse chegar, como se a

juventude fosse eterna e assim acaba negando a beleza que existe na velhice. É necessário o enfrentamento dessa sociedade que culturalmente é ensinada a reprimir qualquer comportamento ligado a sexualidade de pessoas que se encontram na terceira idade.

Para que essa e a próxima geração de idosos alcancem a liberdade sexual é preciso trilhar o caminho da mudança cultural, semeando informações e ações que levem aos jovens, adultos, e idosos a noção de que esta é uma etapa do desenvolvimento e como tal apresenta suas alegrias e dificuldades, bem como informações sobre o que é sexualidade e como desenvolve-la, e assim esclarecer que a mesma vai além de sexo resultando na normalização das atividades que envolvem a sexualidade para esta faixa etária, enfatizando que são saudáveis e normais e o mais importante, desconstruindo a imagem de idade que lhes rouba o desejo, lhes impedem de demonstrar carinho e afeto, a imagem de velhice infantilizada que transfere aos filhos ou parentes o direito de tomar decisões sobre sua vida sexual, conjugal e amorosa.

Este trabalho é de extrema relevância para a disseminação destas informações, o mesmo discute sobre a carga que idosos carregam ao escolherem terem uma vida sexual ativa, bem como a baixa autoestima e as demais consequências para aquelas que escolhem se resguardar do preconceito e seguir o padrão imposto socialmente. Nos mostrando como esta cultura é antiga, fazendo alguns apontamentos dos padrões que se mantêm até os dias atuais e também indicando algumas possibilidades de promoção de ações interventivas necessárias para uma mudança que auxilia no melhoramento da qualidade de vida para este público.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson Alan Maximiano et al. **A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno.** Interfaces Científicas Humanas e Social. Aracajú. v. 8, n. 2, p. 239-252, ago/set/out. 2019.

BORGES, Lenise Santana et al. **Abordagens de gênero e sexualidade na psicologia: revendo conceitos, repensando práticas.** Psicologia: Ciência e Profissão [online]. Brasília. v.33, n. 3, p. 730-745, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300016> Acesso em 30 de mar. 2021.

BORGES, Maria das Graças Melo. **O amor no cérebro.** Princípios: Revista de Filosofia. Natal. v. 22, n. 38, p. 125-135, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7671>. Acesso em 07 de fev. 2021.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. **Corpo e sexualidade da mulher brasileira.** Minas Gerais, Jun 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304346509\\_CORPO\\_E\\_SEXUALIDADE\\_E\\_DA\\_MULHER\\_BRASILEIRA](https://www.researchgate.net/publication/304346509_CORPO_E_SEXUALIDADE_E_DA_MULHER_BRASILEIRA) Acesso em 3 set 2021.

DARDENGO, Cassia; MAFRA, Simone. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?** Revista de Ciências Humanas. Viçosa. v. 18, n. 2, p. 57-71, jul./dez. 2018. Disponível em: [https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923/pdf\\_1](https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923/pdf_1). Acesso em 02 de fev. 2021.

FARIAS, Aponira Maria De; SILVA, Josevânia Da. **O mito da velhice assexuada, individual e biológica: envelhecimento e sexualidade da mulher idosa.** Anais CONBRACIS. Campina Grande Realize Editora, jun. 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/19314> Acesso em 30 ago. 2021.

FERNANDES, Maria. **Envelhecer na condição de mulher: algumas condições sobre corpo e sexualidade.** Revista Ártemis: Algumas Reflexões Sobre Corpo e Sexualidade. v. 10, n. 10, p. 164-170, Jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/11833/6887>. Acesso em 10 de fev. 2021.

GOZZO, Thaís de Oliveira et al. **Sexualidade feminina: compreendendo seu significado.** Rev. Latino-am. Enfermagem. Ribeirão Preto. v. 8, n. 3, p. 84-90, jul. 2000.

LEITE, Glaucia Giovanna Cardoso. **Um retrato sobre a prostituição de idosas do baixo meretrício.** 2013 Monografia (Graduação em Serviço Social) - Centro De Ensino Superior Do Ceará. Fortaleza. 2013. Disponível em: <http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/UM%20RETRATO%20S OBRE%20A%20PROSTITUICAO%20DE%20IDOSAS%20DO%20BAIXO%20MERE TRICIO%20EM%20FORTALEZA.pdf>. Acesso em 01 de mar. 2021.

LOURO, Guacina Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições. Campinas. v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em 28 mar. 2021.

LOURO, Guacira Lopes et al. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOURA, Mariene; SILVA, Claudia; SANTOS, Flavia. **A sexualidade na terceira idade: o tabu que envolve os idosos**. Pessoas sociedade e meio ambiente, 22ª SEMAC, UCSAL 2019.

MONTEIRO, Yohana Torres. **Sexualidade das mulheres em envelhecimento: um tabu?** Brazilian Journal of development. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 13129-13137, mar. 2020.

NASCIMENTO, Mariana Almendra Cavalcante et al. **Eu falo, tu falas e ninguém ouve: conversas sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens no espaço escolar**. Sociedade de pesquisa e desenvolvimento, v. 9, n. 8, e 386985852, jul. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5852>. Acesso em: 12 set. 2021.

NOGUERA, Renato. **Mulheres E Deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017

OLIVEIRA, Estephania De Lima; NEVES, André Luiz Machado Das; SILVA, Iolete Ribeiro. **Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão**. Psicologia e Sociedade. Manaus. v. 30. e, 166019. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166019> Acesso em 23 mar. 2021.

OLIVEIRA, Francisco Danilo Dos Santos. **Corpo, sexualidade e juventude: provocações de uma ética foucaultiana para centros socioeducativos**. Destaques na Iniciação Científica. Belo Horizonte. v. 4, n. 1, p. 90-100, nov. 2020. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/4564>. Acesso em 30 mar. 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Os direitos sexuais**. 24 de dezembro. 2006. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/biblioteca/documentos/category/11-internacional#>. Acesso em 27 mar. 2021.

PAULA, Tainá Regina; PORTO, Eric de Jesus; CARVALHO, Cíntia se Sousa. **Um sobrevoou pelo estado da arte sobre gênero e sexualidade na pesquisa**. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília. v. 39, n. spe3, p. 194-205, maio. 2020.

PEREIRA, Belinda Silva; JAEGER, Angelita Alice. **Mulheres que desafiam o envelhecimento e o questionamento dos estereótipos de gênero**. VII seminário corpo gênero e sexualidade. Universidade federal do Rio Grande. Set. 2018. Disponível em: <https://seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/images/arquivo/165.pdf>. Acesso em 07 fev. 2021.

RIBEIRO, Daviane. **Estudos sobre o corpo e sexualidade: debates em movimento**. Psicologia em Ênfase. Goiânia. v. 1, n. 1, p. 204-215, ago. 2020. Disponível em:

<http://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/65>. Acesso em 03 mar. 2021.

RIBEIRO, Pricila. **A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional**. Gerais: Revista Interinstitucional da Psicologia. Juiz de fora. v. 8, n. spe, p. 269-283, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202015000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200009). Acesso em 07 fev. 2021.

RODRIGUES, Gabrielle et al. **O mito da velhice assexuada: A libido na mulher idosa**. XII SEMOC semana de mobilização científica. set. 2015.

ROZENDO, Adriano da Silva; ALVES, Juliana Medeiros. **Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade**. Revista Kairós Gerontologia, São Paulo, v.18, n. 3, p. 95-107, jul./set. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26210/18869>. Acesso em 03 fev. 2021.

SOLSA, Neuciani et al. **Envelhecimento ativo: prevalência e diferença de gênero e idade em estudo de base populacional**. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 35, n. 2, nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n11/1678-4464-csp-34-11-e00173317>. Acesso em 24 mar 2021.

SOUZA Eros De; BALDWIN John R; ROSA Francisco Heitor da. A construção social dos papéis sexuais femininos. Psicologia: Reflexão e Crítica, Rio Grande do Sul, v. 13, n. p.485-496 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kKgJhYrqKTzpYjrGzvfHVqt/abstract/?lang=pt> Acesso em 31 ago 2021.

VASCONCELOS, Alessandra; JAGER, Marcia. **A Percepção de psicólogos sobre o envelhecimento: psicologia e envelhecimento**. Multiciencia [online]. v. 2, n. 4, nov. 2016. Disponível em: <http://www.urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v2/n4/6de47818e9ed00fc37d637f49541cd8b>. Acesso em 08 mar 2021.

VERAS, Renato; OLIVEIRA, Marta. **Envelhecer no Brasil: A Construção de um Modelo de Cuidado**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 23, n. 6, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n6/1413-8123-csc-23-06-1929>. Acesso em 27 mar. 2021.